



PEDAGOGIA DA CENA EMPRETECIDA

BLACK THEATER PEDAGOGY

PEDAGOGÍA DEL TEATRO NEGRO

Nelson Bruno Delfino

Nelson Bruno Delfino

Ator, diretor, escritor e professor de Teatro. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Mestre em Artes da Cena pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorando em Artes da Cena pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, desenvolve pesquisa sobre a produção poética, e de vida, de artistas bixas pretas.

E-mail: nelsonbrunodelfino@gmail.com

Resumo

Este artigo visa analisar as pesquisas acadêmicas em artes cênicas sobre teatro negro e performance negra nos programas de pós-graduação, nas universidades públicas federais brasileiras, realizadas por pesquisadores negros e negras entre os anos de 1980 e 2020. O objetivo é identificar os caminhos metodológicos e teóricos desenvolvidos por esses artistas para traçar uma possível pedagogia da cena teatral brasileira empretecida. Utiliza-se como amostragem os trabalhos de Winny Rocha, que teve sua pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Cristiane Sobral, com pesquisa feita na Universidade de Brasília (UNB), e Danielle Anatólio, que desenvolveu seu trabalho na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Percebe-se que esses artistas, em suas pesquisas acadêmicas/artísticas, produzem trabalhos autobiográficos que fortalecem a sua negritude.

Palavras-chave: teatro negro, pedagogia teatral, artes cênicas.

Abstract

Analysis of academic research in performing arts on black theater and black performance, within postgraduate programs, at Brazilian federal public universities, carried out by black researchers from the 1980s to 2020. The objective is to identify the methodological and theoretical paths developed by these artists to outline a possible pedagogy of the black Brazilian theater scene. The work of Winny Rocha at UFOP (2018), Cristiane Sobral at UNB (2016) and Danielle Anatólio at UNIRIO (2018) is used as a sample. It is clear that these artists, in their academic/artistic research, produce autobiographical works that strengthen their blackness.

Keywords: black theater, theatrical pedagogy, performing arts.

Resumen

Análisis de investigaciones académicas en artes escénicas sobre teatro negro y performance negra, en programas de posgrado, en universidades públicas federales brasileñas, realizadas por investigadores negros entre los años 1980 y 2020. El objetivo es identificar los caminos metodológicos y teóricos desarrollados por estos artistas para esbozar una posible pedagogía de la escena teatral negra brasileña. Se utiliza como muestra el trabajo de Winny Rocha en la UFOP (2018), Cristiane Sobral en la UNB (2016) y Danielle Anatólio en UNIRIO (2018). Es claro que estos artistas, en su investigación académico/artística, producen obras autobiográficas que fortalecen su negritud.

Palabras-clave: Teatro negro, pedagogía teatral, artes escénicas.

Empretecendo a universidade

Artistas pretos e pretas brasileiros contemporâneos, que nomeiam seu trabalho como pertencente ao teatro negro e/ou a performance negra, em sua maioria, incluem em suas criações questões que atravessam a pessoa preta como sujeito social, a saber: o racismo, a memória, a ancestralidade, a religiosidade e a construção positiva das características atribuídas à negritude¹. Os trabalhos desses artistas, normalmente, partem de uma perspectiva autobiográfica, relacionando sua vivência com uma experiência comum, em algum grau, a todas as pessoas que compartilham a cor da pele preta como marcador social.

Para a realização de suas obras, esses artistas mergulham em pesquisas reflexivas que permitem uma compreensão maior de sua própria negritude, e por meio de uma prática de escuta, troca e compartilhamento de histórias de vida criam uma rede que permite um fortalecimento da sua negrura e de um processo de cura das feridas provocadas pelo embate necessário à sobrevivência em uma sociedade regulada pelo racismo. Nesse processo, reconhecem as particularidades que os constituem como pessoas pretas, exaltam essas características e possibilitam a discussão dessas questões politicamente.

A partir da democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, considerando como marco a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e mediante iniciativas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a partir do ano de 1998; o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), a partir de 1999; o Programa Universidade para Todos (PROUNI), a partir de 2004; a Reestrutura e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a partir de 2007; e o Sistema de Seleção Unificada (SISU), a partir de 2010, tem início a possibilidade de artistas pretos e pretas realizarem a teorização de suas criações dentro da academia, historicamente um restrito espaço de poder que começa a ser disputado por esses artistas-pesquisadores. O que está em questão é a produção de conhecimentos que contemplem outras

1. Esse texto é fruto da pesquisa de mestrado “Pedagogia Teatral do Empretecimento”, orientada pelo professor doutor Gilson Motta (PPGAC/UFRJ, 2019-2021) e realizada a partir de trabalhos artísticos, dissertações e entrevistas com os artistas-pesquisadores Winny Rocha, Danielle Anatólio e Cristiane Sobral.

narrativas, permitindo a visibilidade de vidas que são frequentemente consideradas invisíveis, descartáveis e sem história.

Em *O movimento negro educador*, a autora Nilma Lino Gomes (2017) destaca que as políticas de ações afirmativas já fazem parte das pautas de lutas e reivindicações do movimento negro desde os tempos de militância de Abdias do Nascimento. Também é importante destacar que o movimento promovido para que pessoas pretas adentrem os espaços acadêmicos e abordem temáticas relativas às suas vivências não é exclusivo do campo das artes cênicas, trata-se de um levante que acontece em todas as áreas de conhecimento. Gomes (2017, p. 35) observa esse fato ao propor que:

Em 2000 foi fundada a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), responsável pela realização do Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (Copene), o qual se encontra em sua nona edição (2017). A ABPN surgiu para congregar pesquisadores negros e não negros que estudam as relações raciais e demais temas de interesse da população negra, produzir conhecimento científico sobre a temática racial e construir academicamente um lugar de reconhecimento das experiências sociais do Movimento Negro como conhecimentos válidos.

As pesquisas práticas dos artistas pretos e pretas geram uma dupla produção, teórica e artística, e semeiam tanto o universo da construção do imaginário social por meio da arte quanto a sistematização de saberes até então orais em conhecimento científico. Aqui se entende que as pesquisas produzidas por esses artistas configuram uma *pedagogia da cena empretecida*.

Pesquisas científicas em teatro negro de 1980 a 2020

A maioria das pesquisas científicas tematizadas a respeito do teatro negro produzidas no Brasil, dos anos de 1980 a 2020, testemunham dois caminhos: um grupo de pesquisadores debruça-se sobre a historiografia do negro dentro do teatro brasileiro, sendo, na dramaturgia, o retrato que os autores caracterizam a pessoa preta, os papéis interpretados, as funções técnicas desenvolvidas e, principalmente, a história dos grupos de teatro, como a Companhia Negra de Revistas (1926–1927) e o Teatro Experimental do Negro (1944–1961); outro grupo de pesquisadores preocupa-se em

registrar o teatro que acontece no agora, como testemunhas vivas de uma arte que requer documentação para não ser esquecida. Esse ponto de vista sobre a produção científica brasileira no campo do teatro negro pode ser traçado a partir de um estudo dos artigos do banco de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pois, ao se pesquisar a palavra-chave Teatro negro em função dessa pesquisa, com o intervalo de tempo entre 1980 e 2020, foram encontrados 366 artigos em português. A maioria desses artigos dedica-se à análise de peças teatrais específicas ou companhias e coletivos, como: o Teatro Caribenho, Cia Espaço Preto, Companhia dos Comuns, Bando de Teatro Olodum e Cia Antropofágica, Transegun de Cuti, El Avestruz Troglodita, Salina da Amok Teatro e Namíbia, não! de Aldri Anunciação. Também é possível a análise do campo de interesse desses pesquisadores ter como referência as publicações das revistas científicas dos programas de pós-graduação que englobam as artes da cena. A Revista Brasileira Estudos da Presença, editada pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), publicou, em 2017, um número intitulado *Performance e relações étnico-raciais* com artigos que abordam a temática do teatro e da performance negra. Em 2020, as revistas Pitágoras 500, vinculada à Universidade de Campinas (UNICAMP), e Ephemera, da UFOP, publicaram *Teatro Negro: resistência e representatividade* e *Dossiê Po-Éticas Pretas de [Re]Existência*. Essas revistas apontam duas questões: o interesse dos pesquisadores e pesquisadoras, em maioria pessoas pretas, em debater o teatro e a performance negra em seus trabalhos e o início de uma abertura dos programas de pós-graduação em artes cênicas para essas temáticas.

Nos últimos anos, nas universidades brasileiras, tem se percebido um movimento, encabeçado por estudantes, dentro dos programas de pós-graduação em artes cênicas, em favor da produção de dissertações e teses que abordam o teatro negro e as performances negras, para citar alguns desses trabalhos realizados nas últimas duas décadas: Roberta Antônio Rosa (2007), Evani Tavares de Lima (2010), Adélia Aparecida da Silva Carvalho (2013), Emerson de Paula Silva (2016), Cristiane Sobral Correa Jesus (2016), Fernanda Júlia Barbosa (2016), Rosana Machado de Souza (2016), Edilaine Ricardo Machado (2017), Jackson Douglas Leal Silva (2018),

Winy Silva da Rocha (2018), Danielle Anatólio (2018), Arnaldo Nogari Junior (2018) e Yasmim de Freitas Nogueira (2019). Uma pequena análise em alguns desses trabalhos, que se concentram em processos criativos cênicos, permite perceber duas questões trazidas pelos artistas-pesquisadores: afirmação da sua negritude e a linha da memória, sua e coletiva, como fio de costura dos trabalhos artísticos.

Winy

Em 2018, Winy defendeu sua dissertação de mestrado, sob orientação da professora Nina Caetano, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFOP. O programa demonstra interesse pelas artes performáticas negras, em publicações de estudantes, a partir do ano de 2018, visto que das suas 58 dissertações publicadas, no repositório institucional da universidade até 2021, apenas quatro² abordam, de alguma forma, esse campo em seus trabalhos, sendo a de Winy a mais antiga. Assim como o tema começa a ser explorado nas pesquisas dos discentes, como supracitado, a revista científica *Ephemera*³, editada pelo programa, publica um dossiê sobre essa temática em 2020.

Winy, em sua pesquisa, realiza um trabalho de reflexão acerca de artistas e grupos de teatro, e performance negra contemporânea, buscando pontos de interseção entre política e arte nessas criações. Todo esse movimento é realizado enquanto produz performances que reafirmam seu corpo político de bixa preta⁴. O artista-pesquisador enlaça, em sua explanação teórica, a história do Movimento Negro Brasileiro⁵, a trajetória da arte negra e convida,

2. Itamar Salviano Borges de Araujo, Thaís Alessandra Martins da Cruz e Márcia Cristina da Silva Sousa apresentaram, respectivamente, as seguintes pesquisas em 2020: *Som e(m) cena: sonoridades negras nas artes da presença*; *Palavra (per)formada: corpos diaspóricos e diferenciados na criação cênica contemporânea*; *Insurgências corporais: performances pretas como práticas de [re]existência*.

3. Revista científica do Programa de Pós-Graduação Artes Cênicas, da Universidade Federal de Ouro Preto, criada em dezembro de 2018 com publicação digital.

4. Winy se identifica como bixa preta. O termo, utilizado de forma pejorativa para humilhar homens gays que apresentam comportamentos socialmente considerados femininos, é ressignificado para mostrar o seu orgulho em ser preto e bixa.

5. O Movimento Negro Brasileiro é caracterizado como um conjunto de movimentos, iniciativas, coletivos e entidades político-ideológicos que reivindicam os valores e direitos das pessoas negras. Considera-se o início do movimento com as resistências das pessoas negras escravizadas e a sua organização e criação de estratégias como os quilombos.

prioritariamente para o debate, autores e autoras latino-americanos afrodescendentes. Revisitar o passado e a importância do Movimento Negro, e da arte negra no Brasil, a partir da visão de teóricos pretos e pretas, são escolhas que se apresentam como políticas e ideológicas por artistas-pesquisadores pretos. Essa é uma tentativa de valorizar a história de vida de importantes articuladores desses meios e manter viva sua memória. Esse caminho propõe novas perspectivas e escuta as histórias de vida de pessoas pretas, principalmente a partir do olhar delas como autores e não objetos. Sobre essa articulação e negociação de conhecimentos o artista-pesquisador relata em entrevista para essa pesquisa:

Venho de uma família de militância. Sou cria do movimento negro e vou para o espaço acadêmico para pesquisar teatro, mas levando a bagagem do movimento negro, do carnaval, das manifestações políticas e dessa relação entre arte e política da minha vida. Pensei que na universidade seria um espaço de continuidade desse processo. Sabia que tinha a questão do embranquecimento, mas que seria um lugar mais poroso do que encontrei. Dentro da graduação fui esperando o preto chegar (...). Nem fazendo um curso de licenciatura chegava às questões das relações raciais como parte do curso. Isso sempre aparece num interesse do aluno, da aluna e não dentro da estrutura. (...). Chego na pós-graduação sabendo dessas questões e entendendo que eu teria que fazer dois caminhos. O caminho que eu já tinha feito, que era de fazer o percurso teórico europeu (francês, que nem é tão amplo assim, francês e uma estrutura brasileira que passa por Rio e São Paulo, isso estudando em Minas) e correr atrás de tudo que eu não consegui ver durante a graduação, ou que vi pouco durante a graduação, vou fazendo esses dois movimentos.⁶

Na performance *A dor da gente não sai no jornal* (2014), Winny aborda o alto número de mortalidade que acomete a juventude negra. Em suma, ele realiza a leitura de textos escritos por jovens negros sobre suas vidas e sonhos e, em determinado momento, essa leitura é interrompida com a queda do seu corpo. No chão, ele desenha a silhueta do seu corpo usando um giz e escreve o nome e as datas de nascimento e morte de um jovem negro.

6. Entrevista de pesquisa concedida em 16 de setembro de 2021, na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 1 – Performance “A dor da gente não sai no jornal”, Ouro Preto (MG), 2016.



Fonte: Imagem disponível no site do performer: “Cena Preta”⁷.

Na entrevista concedida para essa pesquisa, Winny observa a possibilidade de trabalhos criados por artistas pretos e pretas abarcarem mais do que a dor.

Trabalhando a performance, e esse primeiro lugar de voz, o corpo expressado pela dor. A gente ver isso refletido nos trabalhos de vários artistas negros, até porque é uma voz/corpo reprimido. O primeiro rompante que vem geralmente é esse lugar de dor. Hoje eu já elaboro isso, não desconsiderando o espaço da dor, e acho que nos trabalhos que eu já trouxe tem sempre mais uma camada que não só a dor. Isso é importante porque a dor já está aí na vida o tempo todo, inclusive me incomoda quando vem só ela nua e crua, não de tentar maquiar, mas de propor outras experiências pensando o que quero comunicar com corpos negros. Não quero ser só dor para quem já está submerso em dor e não vou me colocar no espaço de fetiche para o branco assistir minha dor somente. É preciso ter outras camadas, mas hoje eu já tento buscar isso na arte, nos espaços culturais, na educação, outro lugar que a dor possa ser um ponto, mas que a gente construa um espaço de cuidado, mais espaços de cura, de elaboração da nossa potência, da nossa existência, de encontro⁸.

7. Disponível em: <http://cenapretawinnyrocha.blogspot.com/2017/06/>. Acesso em 27 dez. 2023.

8. Entrevista de pesquisa concedida em 16 de setembro de 2021, na cidade do Rio de Janeiro.

A dor que vem primeiro, que chega antes de qualquer outra particularidade, é um reflexo de uma vida entrecruzada pela violência. A expressão artística funciona como forma de primeiro expurgar essa dor e como denúncia, luta e guerrilha no campo político, mas, ao mesmo tempo, quando acontece em espaços considerados aquilombados, falar sobre esses traumas torna-se parte de um movimento de cura, de afeto e uma das formas de se tornar maior que o trauma.

Cristiane

Cristiane Sobral defendeu sua dissertação em 2016, com orientação da Dr.^a Roberta Kumasaka Matsumoto. O trabalho de Cristiane é de importante relevância para os estudos em teatro negro no Brasil, por sua contribuição teórica, com uma pesquisa que possibilita o desvelamento de questões prementes nesse campo. Cristiane apresenta sua vivência enquanto mulher negra, atriz, diretora e dramaturga desde sua infância, na periferia da zona oeste do Rio de Janeiro, até a graduação em bacharelado em artes Cênicas na UNB, os trabalhos com a Cia de Arte Negra Cabeça Feita e sua participação nas edições do Fórum Nacional de Performance Negra, em Salvador.

Uma das questões importantes que Cristiane aponta em sua pesquisa é que a história do teatro brasileiro, com algumas exceções, apresenta um escasso material sobre o tema do teatro negro. A história de vida e as obras de artistas pretos e pretas tem pouca visibilidade, não aparecem frequentemente em temas de pesquisas, e quando ocorrem, são pequenas menções que não dão conta de sua complexidade. Os cursos de artes cênicas nas universidades federais não têm um histórico de ofertar em seus currículos disciplinas sobre teatro e performance negra. Poucos são os professores e professoras que apresentam textos sobre essa temática e, geralmente, os que abordam essas questões são pessoas pretas. Essa marginalização dos artistas pretos e pretas, e de suas obras, faz com que o público desconheça o trabalho desses artistas. Não se pode negar que, apesar dos poucos estudos sobre teatro negro dentro da historiografia brasileira, artistas pretos e pretas sempre estiveram presentes nessa arte. Cristiane reflete, em seu trabalho acadêmico, a respeito do impacto que a falta de representatividade

teve em sua formação enquanto pessoa preta e como isso impulsionou seus questionamentos às representações, estereotipadas e negativas, atribuídas às meninas e mulheres negras.

Figura 2 – Espetáculo “Recordar é Preciso”, Brasília, 2013.



Fonte: Imagem presente no blog da artista: cristianesobral.blogspot.com⁹.

O teatro negro ou, de forma mais consonante ao que os pesquisadores pretos e pretas têm considerado na atualidade, teatros negros, devido à sua multiplicidade, descortina-se como um lugar possível de invenção de outras histórias, valorização de marcadores antes estigmatizados e produção de uma cena negra visível, existente, potente e combatente politicamente aos estereótipos, preconceitos e violências que são deflagrados contra a população preta. A trajetória de Cristiane, no espaço universitário, reflete o seu desejo de produzir artística e teoricamente por meio dos múltiplos teatros negros:

A minha chegada a universidade se deu aos 16 anos, sendo uma menina negra que nasceu num bairro do subúrbio, estudante de escola pública e chegando a esse espaço com muita luta e desafiando vários mitos, inclusive familiares, de que negros não poderiam cursar a universidade pública,

9. Disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com/2016/06/voce-conhece-cia-de-arte-negra-cabeca.html?view=timeslide>. Acesso em 09 set. 2023.

no meu caso optando pelo curso de teatro. Sofri muito preconceito, muita discriminação e levei para esse espaço, desde que cheguei ao curso, a observação, que eu já tinha desde a minha infância, de ver os espaços que pessoas negras ocupavam no país. Me chocou muito andar pelos corredores, isso nos anos 90 e não ver, com raríssimas exceções, pessoas negras, que faziam na época parte de 0,1% do percentual de estudantes. As poucas referências de pessoas negras foram o professor Nelson Inocêncio e alguns estudantes africanos de vários países que chegavam para o convênio. No campo de estudo e da análise também me chamou atenção, pesquisas e debates, textos, referências bibliográficas de pessoas negras. Comecei então a questionar porque a gente não tinha acesso à dramaturgia, atores e atrizes negros e negras, nem em matéria de teatro brasileiro. Porque a academia era tão eurocêntrica e, ao mesmo tempo, de uma Europa mítica, que não se comparava em nada com aquilo que eu pesquisava sobre os países europeus. Isso fez com que eu terminasse a minha graduação fazendo a escrita do monólogo: “Uma boneca no lixo”. Escrevi e fui dirigida por Hugo Rodas, com participação do grupo de percussão Asé Dudu. Esse espetáculo foi muito impactante, apresentado em 1998, e abriu esse lugar público da minha existência como alguém que iria continuar questionando, provocando ações, refletindo e fundando a Cia de Arte Negra Cabeça Feita. Meu desejo de aquilombamento, de encontrar outras pessoas pretas que viessem para o espaço da universidade e que pudessemos formar um grupo de teatro.¹⁰

Danielle

O trabalho de Danielle Anatólio, *Corpo Negro Feminino: Ressignificação em Performances de Mulheres Negras*, defendido em 2018 no programa de pós-graduação em artes cênicas da UNIRIO, debate contundentemente a construção da imagem da mulher negra fortaleza, que é capaz de aguentar todas as injustiças, injúrias e sobrecargas que lhe são impostas. Não apenas esse estereótipo é desmistificado pela artista-pesquisadora, mas outras imagens sociais impostas às mulheres pretas na sociedade brasileira.

Danielle, em sua pesquisa, assim como os demais artistas-pesquisadores apresentados, une sua vida e sua obra às criações de outros artistas, no seu caso, especificamente, devido ao recorte do seu trabalho, de mulheres pretas. Ela analisa seu espetáculo solo “Lótus” (2016) e as performances

10. Entrevista de pesquisa concedida em 10 de novembro de 2021, na cidade do Rio de Janeiro.

“Bombriil” (2010) e “Vem pra Ser Infeliz..!” (2017), de Priscila Rezende. Esses trabalhos artísticos são visitados por Danielle a partir dos marcadores sociais que lhe singularizam – raça e gênero –, e que estão intensamente imbricados em sua prática artística. Em entrevista ao pesquisador, ela diz: “A dramaturgia que eu escrevo parte do meu lugar de vivência, de corporevivência, daquilo que desde os meus 13 anos com consciência eu vivo”. (Danielle). Portanto, em seu fazer artístico, e de pesquisa, a memória é um elemento muito presente. “Construo a partir do que vivenciei ou vi, de uma memória de uma menina preta favelada. Então a memória está sempre ali latente.” (Danielle).

Figura 3 – Danielle Anatólio em cena no espetáculo Lótus, 2016.



Fonte:Wikipedia.¹¹

A vivência de Danielle permite conceber muitas questões, por exemplo, como o racismo velado ou explícito, que acomete os artistas-pesquisadores pretos e pretas, interfere nas suas pesquisas? Por que a presença de pessoas pretas nos cursos de pós-graduação gera tamanho desconforto? Como os artistas-pesquisadores pretos e pretas têm criado estratégias para validar os conhecimentos produzidos por eles dentro da academia? Sobre essa questão, Danielle apresenta a seguinte reflexão:

11. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Danielle_Anat%C3%B3lio#/media/Ficheiro:DANIELLE_ANAT%C3%93LIO_-_ESPET%C3%81CULO_L%C3%93TUS.jpg. Acesso em 27 dez. 2023.

Lidar com o meu tema foi um percurso desafiante e também a minha presença. Eu queria lembrar que embora a UNIRIO, no setor de Artes Cênicas, tenha o NEPA e é importante falar sobre – Núcleo de Estudos em Performance Afro-ameríndios conduzido pelo professor Zeca Ligiero – embora exista esse núcleo há mais de 15 anos é constante a luta por credibilizar as pesquisas negras dentro dessa universidade. No momento, por exemplo, em que eu estava em estudo no mestrado, vivenciamos um racismo com os alunos de graduação. A UNIRIO teve paredes pichadas, isso está na minha dissertação inclusive, então já mostra um pouco do desafio que foi trilhar essa caminhada. Um corpo docente que ainda precisa enegrecer muito, não só em pessoas, mas os próprios professores antigos, que não tinham muita abertura para essa temática. Digo enegrecer também nesse sentido de conhecimento. Então foi um desafio¹².

Artistas-pesquisadores em busca de sua negritude

Percebe-se, dentro dos programas de pós-graduação em artes cênicas, um duplo movimento em favor de estudos a respeito de teatro e performance negra, por um lado, com a aplicação de políticas públicas que permitem uma maior equidade nos processos de seleção dos programas, o ingresso de estudantes pretos e pretas artistas-pesquisadores interessados em desenvolver trabalhos que abarquem essas temáticas e, na via de mão dupla, o incentivo dos programas nessas pesquisas. É possível identificar que esse ainda é um movimento inicial, tendo em vista os artistas-pesquisadores mencionados serem considerados pioneiros nesse intento: Winny defendeu a primeira dissertação sobre o tema no PPGAC da UFOP, em 2018; Danielle foi a primeira cotista do PPGAC da UNIRIO, em 2016; e Cristiane foi a primeira negra formada em Artes Cênicas da UNB, em 1998.

As pesquisas acadêmicas desses artistas permitem perceber que nos seus processos de criação artística existe a aventura da descoberta de si, do reconhecimento de sua negritude e da luta política por existência, direitos e espaços de construção de narrativas. A ligação com a ancestralidade serve como mapa e o seu legado é a bússola para que esse movimento continue vivo e pulsante. São dois ouvidos, um está no passado e outro no futuro. Um fazer pedagógico de uma cena cada vez mais empretecida.

12. Entrevista de pesquisa concedida em 27 de outubro de 2021, na cidade do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- ANATÓLIO, Danielle. **Corpo Negro Feminino: Resignificação em Performances de Mulheres Negras**. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio De Janeiro, 2018.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- JESUS, Cristiane Sobral Correa. **Teatros Negros e suas Estéticas na Cena Teatral Brasileira**. 2016. 160 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- JESUS, Cristiane Sobral Correa. Um teatro negro para um Brasil melhor? **Revista Palmares de Cultura Brasileira** – Ano 1 n.º 01 – agosto de 2005. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>>. Acesso em 25 set. 2023.
- ROCHA, Winny Silva da. **Performance Preta: Encruzilhadas entre arte e política**. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018.